



RECONHECER PARA PRESERVAR: Arquitetura das capelas modernas em Belém do Pará

COSTA, WAGNER JOSÉ FERREIRA DA

*Universidade Federal do Pará. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Endereço Postal. wagner-arq2011@hotmail.com*

FLORES, PAULA NERY

*Universidade Federal do Pará. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Endereço Postal. paula.nery@itec.ufpa.br*

MIRANDA, CYBELLE SALVADOR

*Universidade Federal do Pará. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Endereço Postal. cybelle@ufpa.br*

RESUMO

A cidade de Belém do Pará constitui uma trama de várias temporalidades sinalizadas pelos edifícios de cunho religioso, que abrange obras de linhas barrocas e classicizantes, arquiteturas ecléticas e templos com referências aos vários tipos de modernidade. A presença de capelas com linhas inspiradas em modelos do modernismo é obliterada por confundirem-se na malha citadina com outros edifícios em seus respectivos logradouros. Neste sentido, busca-se com este artigo evidenciar como o conteúdo estético-formal pode agir de modo a permitir ou não uma compreensão destas obras por parte dos habitantes da cidade enquanto lugares do sagrado. O estudo dessas arquiteturas e sua divulgação contribui para o reconhecimento de uma identidade visual arquitetônica que contemple uma construção latina e sul-americana, capaz de fomentar sua valorização e possível preservação.

Palavras-chave: Capelas sacro-modernas; etnografia; valoração; Belém-PA.



INTRODUÇÃO

As capelas são definidas por Coelho (1998) como pequenas igrejas públicas, desde o século XIV, consagradas à Virgem Maria ou aos demais santos com apenas um altar mor que não possuíam pias batismais ou cemitérios. Já os oratórios eram pequenos locais de orações privadas, como uma espécie de capela doméstica, geralmente unidas a uma casa, colégio ou outro edifício ou instituição, que poderiam ser algumas vezes abertos ao povo (que não entravam em contato com os proprietários), e que não possuíam características de igrejas construídas exclusivamente para o culto público (MEIRA FILHO, 1976).

No Brasil, quando falamos a respeito de estruturas como a destas construções não é incomum que nosso pensamento primeiro se dirija aos interiores requintados de formas que vão do Barroco à diversidade da linguagem eclética para que somente depois surjam em nossa consciência horizontes mais recentes, como as construções modernas. Há, de forma talvez inconsciente, uma dificuldade em se desligar dos modelos importados da Europa e cortar o cordão umbilical que nos amarra a ideia de permanecermos ainda como ramificação de uma árvore estrangeira, o que nos impede de firmar identidades locais capazes de demonstrar nossa identidade plural enquanto nação, conforme o pensamento decolonial de Marina Waisman (2013).

O mesmo ocorre na cidade de Belém do Pará, onde as construções sacras que povoam o imaginário da população geralmente são aquelas ditas “históricas”, como as que se localizam no complexo Feliz Lusitânia a exemplo da Antiga Igreja de Santo Alexandre, integrada ao atual Museu de Arte Sacra, além da Igreja da Sé. Enquanto isso, as capelas modernas espalhadas pela cidade são invisibilizadas na cidade, desconhecidas pelos moradores de suas imediações, ainda que seu conteúdo estético formal denuncie uma estrutura pela qual a modernidade enquanto ideário pôde se produzir, inventar, estender e reproduzir na América Latina (GORELIK, 1999) em contexto belemense.

Para entender quais são os expoentes da arquitetura sacra moderna no cenário local é que buscamos em um primeiro momento identificar alguns destes exemplares, não nos atendo a fazer um recorte cronológico, uma vez que a cidade abriga em suas tramas múltiplas modernidades que se inter cruzam indo desde a Belle Époque de Antônio Lemos em finais do século XIX, impulsionada pelo capital da borracha que originou vários dos modelos ecléticos da cidade pautados na política higienista, das obras de urbanização e construção de prédios emblemáticos da Era Vargas lideradas na cidade por Magalhães Barata nas décadas de 1930-1945 (CHAVES, 2008), bem como a uma modernidade mais recente pareada à contemporaneidade construtiva, todas elas modificando as formas de habitar e vivenciar a cidade.



Mapa 1. Localização das Capelas Modernas em Belém

Fonte: Google Earth; Power Point Word e Pain- modificações por Wagner Ferreira , 2021

Optamos pelo método etnográfico para submergir a realidade cultural da cidade de Belém, a fim de selecionar nossos objetos de estudo (LAPLANTINE, 2003) que são: a Capela de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças (Mapa 1), no bairro do Reduto, Capela de Lourdes, no Bairro de Nazaré e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil: Congregação Cristo Salvador localizada no logradouro do Guamá. Através de uma experiência próxima (GEERTZ, 2013) traçamos novas rotas e cartografias pela pesquisa *in loco* na experiência vivencial urbana (ROCHA & ECKERT, 2001) que nos possibilitou entender as conformações destas construções dentro da realidade em que se apresentam, firmando sua importância por seu conteúdo estético-formal, ainda que muitas vezes este dificulte a leitura das obras, e pela dimensão vivencial na conjuntura da cidade, na tentativa de fazer reconhecer suas estruturas fomentando sua valorização e possível preservação.

Capela do Círculo Operário ou Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças

A antiga capela do Círculo Operário, atualmente conhecida como Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças (Figura 1), pertence à Paróquia de São José e está localizada nas cercanias de uma das vias mais movimentadas na conjuntura da contemporaneidade belemense, Avenida Visconde de Souza Franco, fronteira que divide a verticalidade moderna atual estereotipada pelo bairro do Umarizal e a antiga primazia moderna do início do século XX de um ambiente portuário e fabril do bairro do Reduto (CHAVES & OLIVEIRA, 2018).



Figura 1. Capela de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças- Vista em Perspectiva e Planta Baixa
Fonte: Wagner Ferreira, 2021

O ambiente sacro situa-se na Rua Senador Manoel Barata¹ no antigo bairro fabril e mostra-se como resistência frente às novas formas de construir e morar, a qual não tem uma história oficial registrada a respeito de sua construção e da identidade do projetista, fazendo com que a oralidade de seus frequentadores, moradores e transeuntes do bairro sirva de testemunho quanto a firmar seu legado e permanência.

Segundo testemunhos, a capela surgiu como iniciativa do Círculo Operário, Instituição sem fins lucrativos idealizada pelo Pe. Tiago Way em Belém do Pará em 1939, cujo objetivo era o de prestar um serviço social e comunitário especialmente dirigido à classe operária, conforme nos relata dona Bernadete, de 69 anos, tecnóloga em processamento de dados e integrante da ordem secular Carmelita, antes liderada pelo maestro João Bosco:

[...] Essa capela não existia antes do círculo operário. Eu ouvi comentários do João Bosco. Ele falava que quando ele era jovem vinha pra cá pro círculo operário e quem cuidava daqui era o padre Tiago Way. Ele dizia que a capela do círculo operário foi feita na época em que aqui nesse bairro tinha umas fábricas que eram pra atender esses operários da fábrica para levar evangelização; eles davam assistência para os operários [...] (BERNADETE ALVAREZ, 04/04/2021)

¹ Senador Manoel Barata era bacharel em direito, jornalista e um dos mais notáveis historiadores paraenses, contribuindo para a história colonial do Pará (CRUZ, 1992, p. 41).



As incursões no espaço começaram ainda em fevereiro de 2021 pela Avenida Visconde de Souza Franco, cujo movimento se mostrou bem pronunciado, contrastando com o abandono da via onde está a Capela de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. O corredor sóbrio e estreito não inspira segurança transformando-se por vezes em muralhas que impedem de enxergar a totalidade do logradouro (PEIXOTO, 1996), tornando o tráfego de veículos moderado, ainda que constante, e a circulação de pedestres rara, que geralmente prosseguem suas rotas, focados em encontrar uma via mais movimentada para continuar seu percurso, o que faz com que a capela passe despercebida.

Outro fator que contribui em invisibilizar a existência deste espaço sacro, dificultando sua identificação e reconhecimento por parte da população diz respeito a seu aspecto cromático-formal, uma vez que o edifício passa a ser confundido a um antigo ambiente fabril em desuso ainda que internamente possua valoroso conteúdo estético arquitetônico, pensamento complementado pelo discurso de João Fialho, de 59 anos, professor e candidato a diácono, frequentador da capela:

[...] pela beleza expressa que tem ali dentro, quando você passa pela via pública você não identifica, então, a meu ver, deveria ter mais alguma coisa que pudesse identificá-la...muitas (pessoas) passam (pela rua em frente a capela) e nem sabem que ali tem uma capela, uma igreja [...] (JOÃO FIALHO, 28/02/2021)

A fachada do prédio é bloqueada por um muro de concreto de aproximadamente 3 a 4 metros de altura em tonalidades acinzentadas, contrastando com as grades em forma de lança e os portões de ferro (estes em ocre) em estado de oxidação, o que não permite apreender a totalidade de suas formas, ainda que expressem conotações brutalistas por sua tectônica (GNOATO, 2013). Ficam evidentes apenas os cinco vitrais em formas triangulares obscurecidos pela tela protetora hexagonal feita em aço, estrutura protegida pelas lucarnas de duas águas-furtadas estilizadas que perfazem as arestas do triângulo vítreo. O topo de uma das lucarnas², a primeira da esquerda quando em frente ao prédio, sustenta uma cruz que se estende até cerca de 2 metros além do telhado envolvida por um triângulo maior que engloba tanto o crucifixo como a estrutura de referências trinas, talvez o único indício que sinalize visualmente o espaço como local de culto, embora este último elemento não seja observável por conta do aspecto soturno da rua, que não propicia um olhar mais acurado por parte dos transeuntes.

Atravessando os portões ocre, temos um pequeno corredor que garante o acesso à atual biblioteca do prédio situada no térreo, além dos outros aposentos do edifício, cujas entradas são guarnecidas por toldos em cor cinza, e uma escada cujos degraus revestidos nos pisos de borracha Daud de botão preto direcionam

² Sacada de telhado com altura de andar no alinhamento da casa (KOCH, 1982, p.180)



ao andar superior da edificação onde funciona a capela em si. O patamar que precede a entrada da capela é feito em placas cerâmicas e demarca a diferenciação entre espaço externo e interno. Este inicia-se pelas portas em ferro pintadas de azul, sustentando desde mais ou menos 1 metro de cada uma de suas folhas um vitral retangular com paralelepípedos que brincam no encaixe em tons de azul e violeta, ao passo que demonstra um círio com raios amarelos e laranjas onde em vidro vermelho encontram-se as letras “alfa” e “ômega”, o princípio e o fim, anunciando uma passagem processional que encontra paralelo nas escrituras bíblicas.

A atmosfera de abandono e hostilidade do ambiente externo cede lugar a riqueza e ao encantamento contemplativo dada a inteireza da sacralidade da capela. Tons serenos de azul envolvem o templo como nuvens que se harmonizam com a leveza de seus poucos ornatos e, em mesma medida, parecem englobar o forro em Policloreto de Vinila (PVC) branco com seus ventiladores pendidos além dos aparelhos de climatização das paredes. Os vitrais triangulares (Figura 2) avistados do exterior enchem-se de uma vitalidade multicolorida e ganham complexidade na interioridade ao transformarem-se em duas figuras poligonais de um trapézio (na base) e um triângulo (no topo), onde o primeiro demonstra a vida de Jesus e Santos e o último coroa a obra vítrea realizada pela firma Conrado Sorgenicht³ com figuras da pomba do Espírito Santo ou com um pentagrama, ambos símbolos da Divindade (CHEVALIER & GEERBRANT, 2003).

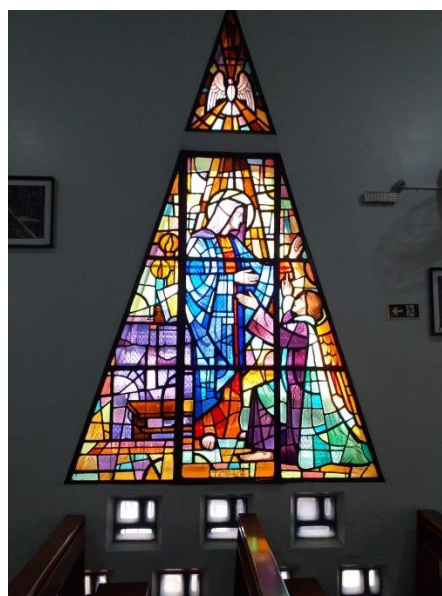


Figura 2. Visão Interna do Vitral- Anunciação de Maria

Fonte: Wagner Ferreira, 2021

Ao fundo situa-se o altar mor retangular que se eleva em aproximadamente 45 centímetros segmentado em 4 degraus acima do chão, adornado por um mosaico (Figura 3) que cumpre a função de

³ Primeiro ateliê de vitrais brasileiro fundado em 1889 pelo imigrante alemão Conrado Sorgenicht (MELLO, 1996)



retábulo. Este não tem autoria especificada na obra, destaca-se dos elementos por seu tamanho e heterogeneidade de motivos, trazendo a imagem de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças coroada, a matrona da capela, de braços abertos a abençoar o planeta Terra sobre o qual se firma. Em cima da coroa da Santa está a imagem de Jesus Cristo Crucificado dentro da figura platônica da *vesica piscis*, e, mais acima, uma mão com três dedos esticados e dois encolhidos parece sair de um “trívium” circular tomando a forma do Espírito Santo descendo sobre a divindade de Jesus como uma pomba; neste cenário ainda quatro arcanjos circundam tanto a Virgem como Jesus entre as nuvens dos céus, de acordo com o panfleto informativo da “Capela N. Sra Medianeira de Todas as Graças- Paróquia São José- Círculo Operário Belemense”.



Figura 3. Painel com Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças

Fonte: Wagner Ferreira, 2021

O lado direito do altar é reservado à sacristia, onde poucos elementos podem ser encontrados como o gaveteiro de peças sacras, contudo o ambiente também está conectado à uma pequena torre sineira, cujo sino é tocado uma hora antes da celebração para avisar os moradores das cercanias do horário da missa, ainda que raros sejam aqueles que se dirijam à capela das medianeiras que residam no bairro. A justificativa para tal talvez resida no fato de que boa parte dos frequentadores tenha envelhecido, como nos relatos de D. Bernadete:

[...] A maioria daquele pessoal que trabalhava, a Maria, Ângela, Laurice, Jarina, que eram quem acompanhavam aqui, que frequentavam ela (a capela). Uns já tinham morrido e outros estavam viajando. Por exemplo, a Maria que morava bem aqui perto ela foi pra



Brasília morar com o filho dela, por causa da idade, todos já estavam com uma idade avançada [...] (D. BERNADETE ALVAREZ 04/04/2021)

Assomado a esse fator, D. Bernadete reflete ainda sobre o período em que chegou à capela, a situação de inatividade e a ideia de modernizá-la para reutilizá-la com a mesma função:

[...] capela estava totalmente inativa. Eu não digo abandonada, mas inativa, precisava de muita manutenção...o sonho do João Bosco era restaurar essa capela de uma forma moderna, ele sonhava assim muito, sabe? Modernizar tudo isso aqui pra capela voltar a funcionar. Não tinha forro, não tinha nada, estava assim, as paredes todas muito manchadas, os bancos também. Mas ela já tinha essa conformação toda essa capela [...] (D. BERNADETE ALVAREZ 04/04/2021).

Atualmente o espaço sacro da capela permanece ativo com missas todos os sábados às 17hs, acolhendo poucos frequentadores, contudo, fiéis ao espaço vindos de várias outras localidades para assistir às missas. As considerações relacionadas ao desconhecimento da população em relação à existência da capela estão ligadas parte a seu aspecto formal externo, cabendo na fala de nossos informantes sempre a ideia de dar uma *“cara nova, uma roupagem que viesse dar uma identificação pra comunidade”* (S. João Fialho, 28/02/2021), muito embora quaisquer esforços neste sentido tenham de passar pelo julgamento da Instituição do Círculo Operário, administradora do espaço. Em contrapartida, os entrevistados admitem que seus esforços no que tange a divulgação de forma efetiva da capela de modo a fazer reconhece-la tanto pelos habitantes do bairro como para a população belemense não tem sido muito efetiva e também esbarra nas modificações ocorridas no logradouro, uma vez que o mesmo deixou de ser um ambiente fabril para alocar o setor comercial.

Embora a situação não se mostre tão favorável em relação ao reconhecimento do espaço, os poucos fiéis mantêm-se fervorosos, havendo até mesmo um projeto de promoção da festa de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que ocorre tradicionalmente em maio conforme calendário litúrgico oficial da Igreja, como tentativa de resgate da cultura do logradouro e sinalização do ente sacro que resiste à passagem temporal e a sucessiva troca de valores. Ainda que seu aspecto formal pelo olhar da via pública não se faça notar, demarcamos a importância de identificar e reconhecer como estratégia de valorização.

Capela de Nossa Senhora de Lourdes

A Capela de Nossa Senhora de Lourdes está situada no bairro de Nazaré de nome homônimo à Santa cuja devoção deu origem ao templo da Basílica Nossa Senhora de Nazaré (CRUZ, 1992, p. 29). Nossa incursão ao logradouro principiou na quarta feira do dia 05 de maio de 2021 às 15 h, quando focamos nossos esforços em conseguir informações a respeito da edificação. O complexo da Capela (Figura 4) tem cerca de mais de



10.000 m² (SUDAM, 2017), compondo a Capela Nossa Senhora de Lourdes, Casa de Caridade, prédio com 4 pavimentos (identificado como Centro Santo Inácio de Loyola), prédio com 4 pavimentos da atual residência hoteleira dos Jesuítas e Salão de festas São Francisco Xavier, além do setor administrativo, uma área paisagística com acesso lateral entre a Capela e a Gruta.



Figura 4. Complexo da Capela de Nossa Senhora de Lourdes- Vista Externa e Planta Baixa à esquerda
Fonte: Foto Paula Flores/Desenhos Wagner Ferreira, 2021

Através da Instituição tivemos acesso ao livreto denominado *“Os cem anos da capelinha de Lourdes”* organizado pelo padre Ilário Govoni, publicado em 2018, que ilustra a trajetória da edificação em suas várias nuances formais, ainda que a escrita se mantenha confusa em focar na edificação, transferindo mais “louros” aos padres do que ao objeto do que o título se propõe, olvidando a contribuição dos profissionais que porventura tenham participado do projeto.

O livreto relata a chegada dos padres Jesuítas a Belém no ano de 1912 para trabalhar no Seminário Diocesano, e continuaram até 1916, decidindo que seria ideal continuar na cidade para desenvolvimento de seu trabalho e considerando favorável a recepção de seus ministérios e congregações. A Capela Nossa Senhora de Lourdes foi inaugurada em 11 de fevereiro do ano de 1917, em homenagem à Santa do referido dia, na antiga rua São Jerônimo, 127 (atual Governador José Malcher, 1169), a partir de uma residência dos Jesuítas inaugurada dia 5 de fevereiro no mesmo local, e posteriormente possuindo as mesmas características arquitetônicas da igreja dos padres jesuítas⁴ (GOVONI, 2018). Seus fundadores foram três padres e dois irmãos: Emanuel Tavares, Domingo Gomes, Antônio Azevedo, Francisco Reis e Manuel Ferreira.

⁴ Antiga Igreja de Santo Alexandre.



Este primeiro modelo da capela perdurou por cerca de 40 anos com basicamente as mesmas características estruturais (GOVONI, 2018), contudo teve a necessidade de expandir o exemplar a partir do aumento da demanda de fiéis que assistiam as missas, que ao terceiro ano de sua fundação já abrigava cerca de 200 pessoas nas missas dominicais das “congregações” que ali se instalaram.

Pelo acervo fotográfico do pequeno informativo, do período de 1933 a 1957, conseguimos identificar o conteúdo eclético da segunda capela (Figura 5) sob resquícios da modernidade lemistada no bairro com traços externos *Art Nouveau* e interioridade remetente ao Neogótico com a disposição espacial seguindo os modelos das igrejas-salão barrocas (BAZIN, 1956, p. 82).



Figuras 5. Interior e Exterior da antiga Capelinha

Fonte: Ilário Govoni, 2018.

Devido as novas necessidades a antiga configuração fora modificada atendendo ao apelo popular de um ambiente mais “moderno” em detrimento do antigo como consta na publicação cedida pela Instituição Religiosa. A fachada principal (Figura 4) constitui-se de um grande paredão branco, terminando em um telhado dividido em duas águas; um arco ogival se eleva de ambos os lados em azul englobando o mosaico da imagem de Nossa Senhora de Lourdes, ladeado por grande cruz de madeira demarcando o espaço como solo sagrado; a marquise da frente da edificação, enquanto adro retangular, denuncia a entrada principal, além da entrada lateral esquerda coberta.

Interiormente (Figura 6), a “capelinha” possui amplo vão, possivelmente com alguma referência a Igreja de São Francisco concebida por Oscar Niemeyer na Pampulha em Belo Horizonte. A nave única e ampla conduz ao altar, fazendo enxergar as estruturas dos pilares enquanto contrafortes, onde arcos ogivais se inter cruzam como no transepto, num entrelace formando a figura de uma estrela de cinco pontas; ao fundo a figura de Jesus Crucificado que se apoia em um painel branco, entrando em sintonia com o restante do espaço nas cores branca e azul, ambos símbolos marianos, enquanto componentes litúrgicos. As esquadrias em vidro e aço adotam formas ogivais na parte superior e retangulares nos moldes de basculantes na inferior. Os dados referentes à reforma ocorrida em 2017 com a adição de instalações elétricas necessárias para a



recepção de centrais de ar, tendo em vista a pré-existência de ventiladores de teto demonstram outra atualização de uso demandada pelos frequentadores do templo, as quais não descaracterizam a tipologia arquitetônica geral (SUDAM, 2017).

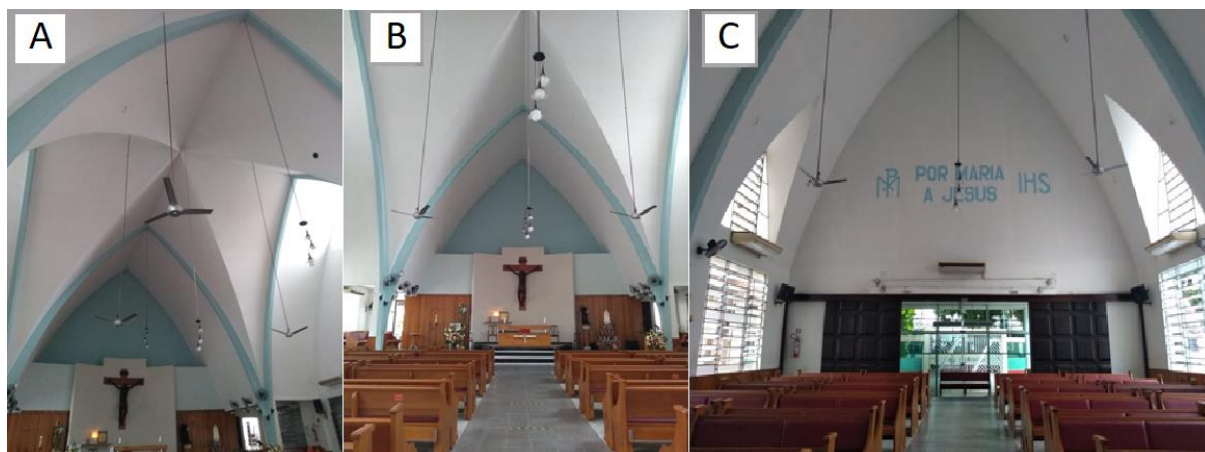


Figura 6. Interior da Capelinha apresentando altar e entrada

Fonte: Paula Flores, 2021.

Com o sucesso do estabelecimento da capela, vários projetos foram desenvolvidos e intitulados na cidade de Belém, como a exemplo do Berço do Pobre, atual Berço de Belém, fundado em 1 de julho de 1950 pelo Padre José Torres, o Centro Alternativo de Cultura (CAC) de autoria do Padre Freddy no ano de 1991, além do Centro Magis Amazônia projeto da Plataforma Apostólica Amazônica, que proporciona formação humana, cultural, espiritual e intelectual com diretrizes sócio ambientais.



Figura 7. Gruta com a imagem de Nossa Senhora

Fonte: Paula Flores, 2021.



Outro local de grande afluência de devotos é a gruta de Nossa Senhora (Figura 7), localizada ao lado esquerdo da entrada para a Capelinha, na qual, com base em Govoni (2018), estão depositadas ossadas de alguns padres, como P. Tribut e P. Barcelos. O conjunto de pedras que forma um nicho onde a santa descansa, serve de forma a simular a gruta original onde a imagem foi encontrada originalmente em Lourdes, na França. Abaixo da imagem, em mármore, encontramos a inscrição: “*Eu sou a imaculada concepção, confia em mim eu sou vossa mãe*”. Por boa parte de tempo, o espaço ctônico foi utilizado enquanto local de algumas celebrações e atividades desenvolvidas pela comunidade sob custódia de Padre Luciano, constituindo ainda uma referência entre o passado e presente se comparada a Capela de Lourdes, ou seja, entre as antigas e novas formas.

Por vezes há uma confusão quanto a palavra “capela” que serve ora para designar o templo sacro, ora para identificar o complexo jesuítico da Capela de Lourdes como um todo o que é visto nos discursos dos frequentadores:

[...] na época do Magis, todo mundo brigava falando: “*é porque a gente não pode falar que o Magis fica dentro da capela*”- Só que pra mim, tudo bem, realmente, é o Complexo Jesuíta. Quando eu venho pra capela, eu falo de todo aquele ambiente. Assim a igreja ali, quando eu me refiro só a parte da igreja [...] (ALICIA GUIMARÃES, 07/06/2021)

Além disso, o fator da locação do templo no lote próximo à calçada e as grandes mangueiras presentes na frente do mesmo faz com que o objeto seja por vezes encarado como uma residência por conta também de seu aspecto “moderno”, dificultando uma leitura panorâmica da edificação, que só é sinalada em seu aspecto religioso pela grande cruz de madeira de tamanho equivalente as suas dimensões e a figura da Santa de Lourdes:

[...] A igreja antiga tem uma fachada assim não muito comum para as igrejas aqui de Belém. Porque não dá pra perceber alguma coisa assim que indique: “*É uma igreja*”. Eu vejo que isso talvez seja muito pro lado estético mesmo, tanto é que hoje tem uma cruz; tem muita árvore. Então muita gente já me disse isso: “*olha, se não fosse isso aqui, que era uma igreja, eu não ia conseguir ver*”. [...] (HUGO SILVA, 07/06/2021)

[...] Tem a árvore e tal, mas é a questão da fachada mesmo, é como se ela não chamasse atenção para aquele espaço. É uma fachada, assim, muito moderna, entre aspas. Assim, parece portão de uma casa. Tu não consegues focar na frente, você tem que ir lá pra frente dela mesmo, ficar olhando pra cima. [...] (ALINE FARIAS, 07/06/2021)

A capela de Lourdes, é, portanto, um espaço que se confunde com o entorno movimentado onde está sediada por conta de suas formas “modernas”, passando boa parte do tempo desapercibida, salvo por seus frequentadores e transeuntes que fazem da rua Governador José Malcher de rota, reforçando o



pensamento inerente a dificuldade de identificação dos exemplares de mesmo gênero no emaranhado de formas belemenses, ainda que contribua para constituir parte integrante da cultura arquitetônica da qual participa.

Igreja Evangélica Luterana do Brasil- Congregação Cristo Salvador

O templo sacro da Capela Luterana (Figura 8) está situado na rua Barão de Mamoré, no Bairro do Guamá, logo atrás do cemitério de Santa Izabel, formando com ele um contraponto entre morte e vida, respectivamente. As narrativas dos personagens encontrados nas imediações à capela trazem a um enquadramento presente as memórias daqueles que participaram não somente da construção do espaço religioso, como também de quem ajudou a fundamentar a história do logradouro, como no caso da família de Seu Ronaldo, este atual presidente da diretoria do pequeno templo.

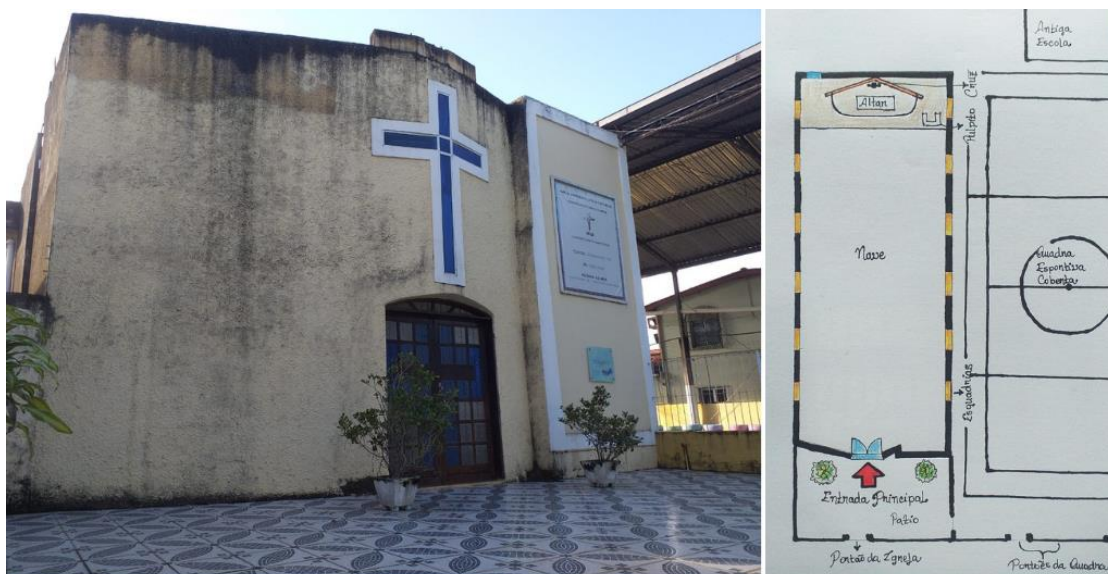


Figura 8. Igreja Luterana Exterior e Planta Baixa

Fonte: Wagner Ferreira, 2021.

Através de uma conversa informal os relatos foram sendo realizados na medida em que novos sujeitos marcavam presença e assomavam as informações, depois ratificadas em entrevistas com a diretoria do templo. Conforme nos transmitiu nosso anfitrião, antes da capela havia apenas um espaço modesto feito de madeira, contudo com a chegada do Pastor norte americano Merrell Wetzstein e sua esposa em solo paraense, começou a idealização da construção de um templo cômodo que pudesse atender as necessidades da emergente comunidade religiosa fundada em 18 de novembro de 1969 denominada “Congregação Evangélica Luterana Cristo Salvador”, comprando os lotes vizinhos. Embora a Instituição norte-americana tivesse modelos arquitetônicos que a identificassem, em solo belemense apostaram numa proposta mais



regional que não destoasse da estética do bairro, uma vez que a intenção, de acordo com a diretoria, era a de aproximar os fiéis pela assimilação da cultura arquitetônica na qual estaria inserida.

O projeto arquitetônico de autoria do Professor Doutor Ronaldo Marques de Carvalho⁵, concebido quando ainda era estudante do curso de Arquitetura, hoje docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, demonstra em seus traços gerais uma estética mais limpa de caracteres ornamentais. O ambiente é protegido por uma pequena mureta de concreto de cerca de um metro de altura gradeada, não trazendo mistérios quanto a natureza de seu traçado; adentra-se pelo portão principal que dá acesso ao pátio externo da edificação que a distância por cerca de 3 a 4 metros da exterioridade da rua.

A centralidade da testada é demarcada por uma grande porta de madeira e vidro de duas folhas, cujos pequenos quadrados desenhavam uma cruz nas cores branca e azul, perfazendo um pequeno arco abatido, onde mais acima pode ser encontrada uma outra cruz desta vez com elemento vítreo em azul profundo, que permite aos raios solares atravessar o interior da edificação; no topo um elemento ultrapassa o gabarito reforçando a razão polarizadora dos elementos supracitados. A partir da forma retangular central suavizada, a edificação arqueasse para os lados posteriormente, recuando-se para formar um ângulo agudo, sugerindo o movimento de um pássaro voando, culminando a direita um elemento retangular ressaltado que destaca as informações relativas aos dias do culto, informações de contato, além de uma placa comemorativa dos 50 anos da edificação realizado em 2019.

Grandes esquadrias basculantes de 12 folhas, seis ao todo nos dois lados do prédio, em formas retangulares elaboradas em madeira e vidro garantem ao espaço sacro interno (Figura 9) moderada luminosidade e ventilação, uma vez que a situação do templo no lote permite à interioridade das paredes brancas serem contempladas pela alvorada do início ao fim do culto das nove horas. A disposição em nave única do espaço dá uma dimensão de sua simplicidade e minimalismo ornamental que se transfere as formas da mesa do altar único, elevado por três degraus, onde se situa uma grande cruz feita em madeira, da qual sai uma iluminação indireta na cor vermelha. Atrás do altar há salas de apoio, bem como banheiro, construído recentemente.

⁵ Os membros da diretoria pareceram desconhecer a autoria do projeto da capela, o que demonstra um esquecimento da importância do arquiteto na construção de lugares do sagrado.



Figura 9. Igreja Luterana Interior

Fonte: Wagner Ferreira, 2021.

Ao lado da edificação religiosa ainda há uma quadra esportiva, além de uma construção em alvenaria e madeira que indicava uma espécie de escola, informação ratificada por Seu Ronaldo, ao falar que antigamente funcionava uma instituição educacional de grande importância para a comunidade e cercanias, uma vez que prestava serviços odontológicos, médicos e de outras áreas em convênio com a Universidade Federal do Pará, tornando-se por isso um ponto luminoso dentro da dinâmica do bairro, participando da lógica de um assistencialismo que não surgira diretamente do Cristianismo católico. Embora o bom trabalho desenvolvido, a instituição educacional teve problemas quanto as suas estruturas que tiveram grande parte de suas dependências condenadas e logo demolidas, restando apenas um terço de sua antiga conformação, que ainda está de pé, e que não serve mais a mesma função.

Atualmente a edificação religiosa constitui também uma resistência no bairro, uma vez que a diretoria relatou das dificuldades de manter o ambiente devido contar com poucos frequentadores que se mantêm fiéis ao espaço, demonstrando a identificação afetiva com o templo, mesmo com a pandemia. Contudo, a sensação de insegurança causada pela falta de circulação de pessoas ao longo do muro do cemitério de Santa Izabel que engloba toda a quadra, enquanto ambiente que remete ao abandono, frequentado ocasionalmente ou em dias de enterro ou pelos poucos moradores de rua que usam os mausoléus como habitação na tentativa de escapar das intempéries, destoam da vivacidade da pequena Igreja.

Contudo, diferente dos casos anteriores, conforme nos informou a diretoria do templo religioso, a identificação por parte dos transeuntes em relação a obra arquitetônica se faz evidente, uma vez que “vários



são aqueles que fazem o “sinal da cruz” (Pastor Fagner Haese, 08/06/2021) ao avistarem a Igreja Luterana, o que também reforça seu papel enquanto ponto iluminado em meio as inseguranças. Portanto o templo aqui vigora como um dinamizador do espaço, seja pelo fator de familiaridade do traçado arquitetônico ou pela importância que desempenha no contexto geral do bairro.

Considerações Finais

A pesquisa etnográfica nos demonstrou a dificuldade inerente a identificação dos exemplares da arquitetura sacro-moderna belemense em consequência dos valores estéticos atribuídos, bem como da ambiência do entorno das mesmas, tomando a cidade paraense enquanto uma trama na qual as diferentes modernidades e seus modelos convivem. Bruce Allsop, crítico inglês de arquitetura, em 1970 escrevia: “o Movimento Moderno está envelhecendo, tomando consciência de sua própria história, aprendendo a colocar-se na história” (STROETER, 1986, p. 189). Contudo, esse envelhecimento é visto negativamente pelos usuários, considerando que estas arquiteturas perderam seu potencial de novidade, mas não atingiram ainda valor de antiguidade, na concepção de Riegl (2006).

Os exemplos da Capela de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças bem como da Capela de Nossa Senhora de Lourdes revelam a importância de referentes arquitetônicos de fachada que permitam reconhecer o lugar do sagrado nos respectivos logradouros, uma vez que estes apresentam formas que confundem-se com o entorno dos bairros aos quais pertencem. Por outro lado, também denuncia uma dificuldade, por parte dos frequentadores e transeuntes, em cortar laços com os antigos cânones trazidos da Europa, atribuindo a estes uma valoração mais evidente em detrimento das novas formas ditas modernas.

A não identificação também colide com outros aspectos relativos às vias que englobam os espaços sagrados modernos, como a dimensão dos corredores de circulação, proximidade dos objetos ao limite do lote ou arborização, que não permitem uma apreensão da complexidade da maioria das capelas abordadas, funcionando como paredões agravando o fator da insegurança que assola a cidade, o que contribui, por vezes, na sua invisibilidade. Passam despercebidos, em grande parte, também os autores das obras, relegando a classe dos projetistas um papel secundário na construção da cidade em que habitamos, criando uma lacuna quanto às influências engendradas nos edifícios.

Embora as capelas sacro-modernas belemenses em boa parte sofram com a falta de perceptividade, é inegável o laço afetivo que suas respectivas comunidades estabelecem com as mesmas, embora seja recorrente o discurso de atualização das formas à contemporaneidade. Assim, não são reconhecidas as características modernas como parte de sua identidade visual local, salvo o exemplo da Igreja Evangélica



Luterana Cristo Salvador. Portanto, demonstramos a importância de identificar estes espaços como forma de promover seu (re) conhecimento, como medida de valorização e preservação de uma cultura arquitetônica capaz de fortalecer os laços entre coletividade e objeto.

Referências

- BAZIN, Germain. A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil- Volume 1. Rio de Janeiro. Editora, Record, 1956.
- CHAVES, Celma de Souza Pont Vidal; OLIVEIRA, Douglas Nélio Lima de. Patrimônio fabril e história urbana no bairro do Reduto em Belém (PA). Dossier de Pesquisa: Patrimônio industrial no Norte e Nordeste do Brasil. Revista Labor & Engenho, Campinas (SP) Brasil, v. 12, n.3, p. 331-340, jul./set. 2018.
- CHAVES, Celma de Souza Pont Vidal. Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém. Arquitextos. 2008.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 18. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- COELHO, Geraldo Martires. COELHO, Alan Watrin. Henrique, Márcio Couto. Alguns elementos para o estudo das ordens religiosas: igrejas e capelas na Belém Colonial. Belém [Sm]. 1998 [SS]
- CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações/ Ernesto Cruz; ilustrações de Rudolf Richl.-2. Ed.- Belém- CEJUP, 1992.
- GEERTZ, Clifford. O Saber Local. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In. O saber local. () p. 60-74 Novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis, Vozes, 2013;
- GOVONI, Ilário. Os cem anos da campelinha de Lourdes/ Ilário Govoni- 1ª Ed. – Belém-PA: Marques Editora, 2018.
- GNOATO, Luís Salvador. Considerações sobre a tectônica brutalista. X Seminário Docomomo Brasil- Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas 1955-75. Curitiba. 15-18. Out. 2013-PUC/PR
- GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. In: MIRANDA, Wander Melo (Ed.). Narrativas da modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL (IELB). 50 anos da IELB no Norte do Brasil e da CEL Cristo Salvador em Belém, PA. Disponível em: <https://www.ielb.org.br/organizacao/visualizar/6622/politica-de-privacidade&r=1&r=1&r=1&r=1> .Acesso: 04/06/2021.
- KOCH, Wilfried. Estilos de Arquitetura II. Tradução: Maria do Carmo Cary. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003;



MEIRA FILHO, Augusto. O Bi-Secular Palácio de Landi. 3ª ed., Belém, Grafisa, 1976.

MELLO, Regina Lara Silveira. Casa Conrado: cem anos do vitral Brasileiro. 1996. 210f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. São Paulo Senac/Fapesp, 1996.

RIEGL, Aloïs. O Culto Moderno dos Monumentos: sua Essência e sua Gênese. Tradução Elaine Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentine. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

ROCHA, A. L.; ECKERT, C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Iluminuras* – Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Rio Grande do Sul, n.44, p.3-25, 2001.

STROETER, João Rodolfo. Arquitetura e Teorias. São Paulo: Nobel, 1986.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA -SUDAM. OFÍCIO DA Nº 01/2017/SUDAM. PARÁ-PA: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, 10 de jan. de 2017.

WAISMAN, Marina. O interior da história. Historiografia da arquitetura para uso de latino americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.